



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

**MARIA LETÍCIA COSTA VIEIRA**

**A HEGEMONIA DA FILOSOFIA EUROCÊNTRICA E O SILENCIAMENTO DO  
PENSAMENTO ANCESTRAL BRASILEIRO**

**CAMPINA GRANDE  
2023**

MARIA LETÍCIA COSTA VIEIRA

**A HEGEMONIA DA FILOSOFIA EUROCÊNTRICA E O SILENCIAMENTO DO  
PENSAMENTO ANCESTRAL BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado a/ao Coordenação /Departamento  
do Curso Filosofia da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do  
título de licenciada em Filosofia.

**Orientador:** Prof. Dr. Valmir Pereira.

**CAMPINA GRANDE  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

V657h Vieira, Maria Letícia Costa.  
A hegemonia da filosofia eurocêntrica e o silenciamento do pensamento ancestral brasileiro [manuscrito] / Maria Letícia Costa Vieira. - 2023.  
18 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.  
"Orientação : Prof. Dr. Valmir Pereira, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."  
1. Epistemologia. 2. Ancestralidade. 3. Epistemicídio. 4. Filosofia eurocêntrica. I. Título  
21. ed. CDD 121

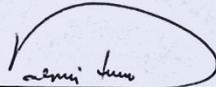
MARIA LETÍCIA COSTA VIEIRA

**A HEGEMONIA DA FILOSOFIA EUROCÊNTRICA E O SILENCIAMENTO DO  
PENSAMENTO ANCESTRAL BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado a/ao Coordenação /Departamento  
do Curso Filosofia da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do  
título de licenciada em Filosofia.

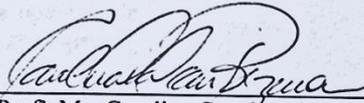
Aprovada em: 08/11/2023.

**BANCA EXAMINADORA**



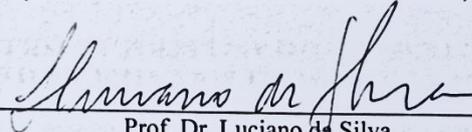
---

Prof. Dr. Valmir Pereira (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof.ª Ma. Carolina Cavalcanti Bezerra  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Luciano da Silva  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>2 A HEGEMONIA EUROCÊNTRICA E SEUS EFEITOS NA FILOSOFIA.....</b>	<b>6</b>
<b>3 TRADIÇÕES ANCESTRAIS BRASILEIRAS .....</b>	<b>8</b>
<b>4 DECOLONIALIDADE E NOVOS CAMINHOS.....</b>	<b>11</b>
<b>5 PROBLEMÁTICA .....</b>	<b>13</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>14</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>15</b>

## **A HEGEMONIA DA FILOSOFIA EUROCÊNTRICA E O SILENCIAMENTO DO PENSAMENTO ANCESTRAL BRASILEIRO**

### **THE HEGEMONY OF EUROCENTRIC PHILOSOPHY AND THE SILENCING OF BRAZILIAN ANCESTRAL THOUGHT**

Maria Letícia Costa Vieira<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

A epistemologia é o estudo do conhecimento e busca compreender como adquirimos e justificamos nossas crenças. No entanto, esse ramo da filosofia também pode ser usado para perpetuar formas de opressão e subalternização, resultando em epistemicídio, que é a marginalização de certas formas de conhecimento. Visto que, uma grande parte da filosofia eurocêntrica tende a privilegiar narrativas históricas ocidentais e silencia as vozes dos povos ancestrais brasileiros, que possuem uma perspectiva de história baseada na circularidade do tempo e na relação com os antepassados, nosso objetivo é discutir a hegemonia da filosofia eurocêntrica e pensar sobre o processo de silenciamento do pensamento ancestral brasileiro, partindo do nosso contexto de colonização e a construção da identidade intelectual a partir deste. Tendo como problemática a percepção de que a filosofia da história pode problematizar a hegemonia da filosofia eurocêntrica ao questionar as narrativas que são privilegiadas pela história ocidental e ao reconhecer a pluralidade de narrativas e memórias presentes nas diferentes culturas, nosso objeto é a epistemologia ancestral brasileira, partindo metodologicamente da análise de epistemologias passadas e apresentação de epistemologias silenciadas. Utilizamos como base para nosso estudo os pensadores, tais como Grosfóguel (2016), Quijano (2007), Mignolo (2011). O diálogo entre culturas diferentes é fundamental para a produção de conhecimentos mais diversos e inclusivos dentro da filosofia, é o que pretendemos comprovar.

**Palavras-chave:** Epistemologia; Ancestralidade; Epistemicídio; Filosofia eurocêntrica.

#### **ABSTRACT**

Epistemology is the study of knowledge and seeks to understand how we acquire and justify our beliefs. However, this branch of philosophy can also be used to perpetuate forms of oppression and subalternization, resulting in epistemicide, which is the marginalization of certain forms of knowledge. Since a significant portion of Eurocentric philosophy tends to privilege Western historical narratives and silences the voices of ancestral Brazilian peoples, who have a perspective on history based on the circularity of time and their relationship with ancestors, our goal is to discuss the hegemony of Eurocentric philosophy and contemplate the silencing of Brazilian ancestral thought, starting from our context of colonization and the construction of intellectual identity from it. The issue at hand is the recognition that the philosophy of history can challenge the hegemony of Eurocentric philosophy by questioning the narratives privileged by Western history and acknowledging the plurality of narratives and memories present in different cultures. Our focus is on Brazilian ancestral epistemology, methodologically starting from the analysis of past epistemologies and the presentation of

---

<sup>1</sup> Graduanda em Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professora Mestre pelo programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: lcosta3007@gmail.com.

silenced epistemologies. We use thinkers such as Grosfoguel (2016), Quijano (2007), and Mignolo (2011) as the foundation for our study. The dialogue between different cultures is essential for the creation of more diverse and inclusive knowledge within philosophy, which is what we aim to demonstrate.

**Keywords:** Epistemology; Ancestry; Epistemicide; Eurocentric philosophy.

## 1 INTRODUÇÃO

A epistemologia é a área da filosofia que se ocupa do estudo do conhecimento. Ela busca entender como adquirimos e justificamos nossas crenças, e quais são as condições necessárias e suficientes para que uma afirmação seja considerada verdadeira. As epistemologias são linhas fundamentais para diversas áreas do conhecimento, incluindo a ciência, a filosofia, a história, entre outras.

No entanto, esse ramo da filosofia também tem sido utilizado para justificar e perpetuar formas de subalternização (Spivak, 2010), opressão, discriminação e subjetivação, trazendo como consequência, o epistemicídio. O conceito de "epistemicídio" se refere ao processo pelo qual certas formas de conhecimento são apagadas, ignoradas ou desvalorizadas, levando à marginalização de grupos inteiros de pessoas.

O termo será pensado a partir das discussões teóricas de Ramon Grosfoguel (2016) para descrever o processo pelo qual o conhecimento produzido pelas culturas não-ocidentais foi sistematicamente desconsiderado e subalternizado pela tradição epistemológica ocidental, sobretudo a partir da colonização do ser (Fanon<sup>2</sup>, 1961) que no empenho colonial de aniquilação das diferenças produziu ao mesmo tempo que perseguiu mulheres, sujeitos desviantes sexualmente, pessoas negras e indígenas.

O epistemicídio é uma forma de violência simbólica que afeta especialmente as comunidades marginalizadas, como mulheres, pessoas negras, indígenas, LGBT's, entre outras. Ao desconsiderar e desvalorizar o conhecimento dessas comunidades e etnias, a tradição epistemológica ocidental (eurocêntrica), dita de primeiro mundo, acaba por perpetuar preconceitos e estereótipos que reforçam a opressão e a desigualdade.

Concomitante a isso, a filosofia eurocêntrica<sup>3</sup> também se baseia em concepções da história que privilegiam a perspectiva do Ocidente como centro do mundo e como modelo a ser seguido pelas demais culturas. Essa concepção da história silencia as vozes dos povos ancestrais brasileiros que têm uma perspectiva de história baseada na circularidade do tempo, na relação com os antepassados e na continuidade das tradições.

Nossa problemática circula sobre a percepção de que a filosofia da história pode problematizar a hegemonia da filosofia eurocêntrica ao questionar as narrativas que são privilegiadas pela história ocidental e ao reconhecer a pluralidade de narrativas e memórias presentes nas diferentes culturas.

Dentro desse contexto, trabalhamos com o pensamento decolonial, que surgiu como uma crítica ao modelo de conhecimento hegemônico eurocêntrico, que tem sido utilizado para

<sup>2</sup> Segundo Frantz Fanon, o colonialismo produziu a chamada inferioridade do colonizado que, uma vez derrotado e dominado, acaba por aceitar e internalizar essa ideia. O colonizador se sustenta no racismo para estruturar a colonização e justificar sua intervenção, pois, através da difusão ideológica da suposta superioridade do colonizador, sua ação é vista como benefício, e não como violência, o que resultou na alienação colonial, na construção mítica do colonizador e do colonizado, o primeiro retratado como herdeiro legítimo de valores civilizatórios universalistas e o segundo, como selvagem e primitivo, despossuído de legado merecedor de ser transmitido (CARDOSO, 2014, p.969).

<sup>3</sup> Aquela linha de pensamento que se origina das concepções europeias enfatizando as tradições intelectuais e culturais desse continente como centrais.

colonizar mentes e corpos por séculos. De acordo com Maldonado-Torres (2017), o pensamento decolonial busca "romper com a epistemologia do centro" e "descolonizar o conhecimento". Neste trabalho, vamos discutir as contribuições do pensamento e conceito decolonial para a filosofia, destacando a importância da diversidade epistêmica e cultural na produção de conhecimento.

Uma das principais contribuições do pensamento decolonial para a filosofia é a defesa da diversidade epistêmica. Quijano (2007, p.877) nos ajuda a entender que, esta é a existência de formas múltiplas e diferentes de conhecimento, produzidas por diferentes grupos e sociedades, com base em suas próprias experiências históricas, culturais e existenciais. Isso significa que não há uma única maneira correta de produzir conhecimento, mas várias formas diferentes de conhecimento que devem ser respeitadas e valorizadas.

É importante que a epistemologia seja esse ramo da filosofia crítico e sensível às questões de poder e justiça social, buscando ampliar e diversificar as formas de conhecimento consideradas legítimas e relevantes. Isso implica em reconhecer a importância de outras formas de conhecimento, que não necessariamente se enquadram nos padrões epistemológicos estabelecidos pela tradição ocidental colonial, e que podem contribuir para a construção de uma sociedade mais diversa, justa e inclusiva.

Um dos nossos objetivos foi discutir a hegemonia da filosofia supramencionada e pensar sobre o processo de silenciamento do pensamento ancestral brasileiro, partindo do nosso contexto de colonização e a construção da identidade intelectual a partir deste.

Neste intento, esta pesquisa valoriza e apresenta uma produção indicando que as temáticas abordadas e discutidas no âmbito da Filosofia Brasileira Contemporânea não excluam todos os aspectos do pensamento eurocêntrico, mas que no diálogo podem conviver a partir da inserção de outras vozes e outras filosofias nos currículos da Educação Básica e Superior.

Desse modo, caro leitor, os passos que estão em sequência são: A discussão sobre a hegemonia brasileira e seus efeitos na filosofia; a apresentação e diálogo com as tradições ancestrais brasileiras; e por fim, a apresentação de conceitos preponderantes para nosso estudo, tais como o de colonialismo, colonialidade e decolonialidade.

## **2 A HEGEMONIA EUROCÊNTRICA E SEUS EFEITOS NA FILOSOFIA**

A hegemonia eurocêntrica teve um papel significativo no apagamento<sup>4</sup> e subalternização dos saberes e epistemologias ancestrais dos povos indígenas e afrodescendentes do Brasil. A imposição do pensamento europeu como o único válido e legítimo teve como consequência a desvalorização e o esquecimento intencional e político dos conhecimentos e práticas desenvolvidas ao longo de milênios pelas populações originárias do continente americano. Como assente

O privilégio epistêmico dos homens ocidentais sobre o conhecimento produzido por outros corpos políticos e geopolíticos. O racismo/sexismo epistêmico é um dos problemas mais importantes do mundo contemporâneo. O privilégio epistêmico dos homens ocidentais sobre o conhecimento produzido por outros corpos políticos e geopolíticos do conhecimento tem gerado não somente injustiça cognitiva, senão que tem sido um dos mecanismos usados para privilegiar projetos imperiais/coloniais/patriarcais no mundo. A inferiorização dos conhecimentos

<sup>4</sup> Um exemplo evidente do apagamento dos saberes e epistemologias ancestrais dos povos indígenas e afrodescendentes do Brasil no cotidiano é a persistência de estereótipos e representações negativas que foram historicamente construídos em torno dessas culturas. Isso se reflete em várias esferas da sociedade, como na mídia, na educação e nas interações sociais. Além disso, no contexto educacional, a predominância do currículo eurocêntrico muitas vezes negligencia a riqueza e a diversidade das contribuições culturais, científicas e filosóficas dos povos indígenas e afrodescendentes. Isso cria um ambiente onde as crianças e jovens não têm acesso adequado a uma compreensão abrangente e respeitosa das diferentes perspectivas culturais e históricas presentes no país.

produzidos por homens e mulheres de todo o planeta (incluindo as mulheres ocidentais) tem dotado os homens ocidentais do privilégio epistêmico de definir o que é verdade, o que é a realidade e o que é melhor para os demais (GROSFUGUEL, 2016, p.25).

Esse privilégio mencionado por Grosfoguel (2016) foi semeado a partir da colonização, a imposição da língua, da religião e da cultura europeia aos povos colonizados, que acabou por produzir um apagamento dos conhecimentos e práticas tradicionais desses povos. O conhecimento ancestral dos povos indígenas e afrodescendentes do Brasil foi considerado primitivo, supersticioso e, por vezes, demonizado.

Parte da ciência produzida no século XIX que é resultado de um positivismo e determinismo epistêmico, que chamamos aqui de eurocentrismo, levou ao desprezo e à marginalização dos conhecimentos ancestrais pertencentes a nossa história, como a cosmovisão indígena, estruturação cultural, experiências subjetivas de construção do conhecimento, que muitas vezes eram relegados a um plano secundário em relação ao conhecimento europeu.

A hegemonia eurocêntrica também se manifestou na produção científica e acadêmica, que muitas vezes ignorou e desvalorizou o conhecimento produzido pelas comunidades locais. A ciência ocidental foi utilizada para legitimar a exploração colonial e a escravidão, e muitas vezes foi incapaz de reconhecer a complexidade e a diversidade dos saberes e práticas desenvolvidas pelos povos colonizados. Compreendendo que

[...]se a teoria emerge de uma conceituação baseada nas experiências e sensibilidades sócio-históricas concretas, assim como a concepção de mundo desses espaços e corpos sociais particulares, então as teorias científicas sociais ou qualquer outra teoria limitada à experiência e visão de mundo de somente cinco países no mundo são, para dizer o mínimo, provincianas. Mas esse provincianismo se disfarça debaixo de um discurso de “universalidade”. [...] Como resultado, nosso trabalho na universidade ocidentalizada é basicamente reduzido a aprender essas teorias oriundas da experiência e dos problemas de uma região particular do mundo, com suas dimensões espaciais/temporais muito particulares e “aplicá-las” em outras localizações geográficas, mesmo que as experiências espaciais/temporais destas sejam completamente diferentes daquelas citadas anteriormente (GROSFUGUEL, 2016, p.27).

Esse processo atinge nossa produção acadêmica, a partir do falso sentimento de universalidade intelectual, ao qual teve como consequência o esquecimento e a subalternização dos saberes e epistemologias ancestrais brasileiras. Essa colonialidade nos revela

, ainda, que, para além do legado de desigualdade e injustiça sociais profundos do colonialismo e do imperialismo, já assinalados pela teoria da dependência e outras, há um legado epistemológico do eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias (PORTO-GONÇALVES<sup>5</sup>, 2005, p.3).

O eurocentrismo é uma visão de mundo que coloca a Europa e o conhecimento produzido no contexto europeu como o padrão e a referência central para entender e interpretar o mundo. Essa perspectiva tem sido dominante nas áreas do conhecimento, na história, na filosofia e em diversas disciplinas acadêmicas.

Na filosofia essa dominação se apresenta em vários sentidos, seja nos currículos nas instituições de ensino superior no Brasil que tendem a se concentrar nas tradições filosóficas

---

<sup>5</sup> Na apresentação do livro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

européias, como a filosofia grega, a filosofia moderna e a filosofia continental, o cânone filosófico predominante no Brasil muitas vezes favorece os filósofos europeus em detrimento dos pensadores de outras partes do mundo ou a linguagem filosófica frequentemente que é moldada por termos e conceitos eurocêntricos.

No entanto, o eurocentrismo impõe limitações à nossa compreensão, pois negligência outras formas de conhecimento e perspectivas que não se enquadram nessa visão eurocêntrica. Ele desvaloriza e silencia os conhecimentos e epistemes de culturas não-ocidentais, marginalizando suas contribuições e perpetuando desigualdades. Como pensar sobre o contexto brasileiro, múltiplo, diversificado, tendo como molde os pensamentos e pensadores europeus? Pode existir o particular, múltiplo e diverso? Uma epistemologia decolonial, pressupõe uma desconfiguração dessa raiz fundada no nosso modo de pensar.

Uma nação diversa, com culturas de todos os lugares, mas, com uma base construída aos moldes do outro, do europeu. Ao reconhecer isso, nossa filosofia precisa então, fazer parte do movimento do encontro de si, das nossas vivências e subjetividades, nos levando a autoconsciência de si e da nossa potencialidade ancestral e epistemológica.

Essa imposição epistemológica do eurocentrismo restringe nossa capacidade de entender o mundo em sua diversidade e complexidade. Ela nos impede de apreciar plenamente as múltiplas formas de conhecimento e de interpretar a realidade a partir das experiências e perspectivas de diferentes culturas e comunidades.

Nesse sentido, a crítica decolonial se faz necessária. Ela questiona a centralidade do eurocentrismo e busca ampliar o espectro epistemológico, valorizando as epistemes locais e as vozes que foram historicamente marginalizadas e silenciadas.

A partir das últimas décadas, tem havido uma tentativa de resgate e valorização desses conhecimentos, em uma proposta de reconstruir a história e a identidade desses povos, é preciso problematizar o elemento histórico e social que nos levou ao silenciamento a partir do campo filosófico apresentando novas (nossas) correntes epistemológicas, levando a conscientização humana com as devidas discussões sobre ética, política, ciência. O reconhecimento da importância do conhecimento ancestral é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, que valorize a diversidade cultural e os diferentes modos de vida.

### **3 TRADIÇÕES ANCESTRAIS BRASILEIRAS**

*A tarefa da filosofia é produzir mundos. Ela já reconheceu o mundo como encantado e já o desencantou, com sua razão ocidental pragmática e calculista. A ancestralidade é uma filosofia que produz mundos para muito além de produzir conceitos (Eduardo Davi de Oliveira, professor da Universidade Federal da Bahia).*

O professor Eduardo Oliveira concebe que a ancestralidade é uma filosofia que produz mundos para muito além de produzir conceitos, abrindo portas para o entendimento de que a ancestralidade não é apenas uma filosofia, mas um entendimento profundo e uma conexão com as raízes, tradições e sabedorias dos nossos antepassados, em várias filosofias. Ela reconhece que somos parte de uma teia interconectada de histórias e experiências que se estendem ao longo do tempo. A ancestralidade nos lembra que carregamos em nós a herança genética, cultural e espiritual daqueles que vieram antes de nós.

Interpretar a ancestralidade vai além da criação de conceitos intelectuais. É um processo que envolve vivenciar, honrar e respeitar as tradições, rituais e conhecimentos transmitidos ao longo das gerações. Através dela, podemos nos reconectar com as raízes da nossa identidade, compreender a sabedoria acumulada ao longo do tempo e encontrar um senso de pertencimento e propósito.

A ancestralidade é central nas tradições brasileiras, que valorizam a transmissão de conhecimentos e valores de geração em geração<sup>6</sup>. Como afirma Grillo (2016, [s.p]), "a ancestralidade é vista como fonte de sabedoria e como um meio de manter vivas as tradições e crenças de um povo", ressaltando assim, a importância da ancestralidade como uma fonte significativa de sabedoria e como um meio essencial para preservar as tradições e crenças de um determinado povo. A valorização da ancestralidade é comum em diversas culturas ao redor do mundo e desempenha um papel central na identidade, na transmissão de conhecimentos e na compreensão do mundo, na forma como ela interfere em nossa construção epistemológica.

A filosofia das tradições ancestrais brasileiras destaca a importância da relação entre os seres humanos e os antepassados, que são considerados fontes de sabedoria e inspiração. Para Ribeiro (2013, [s.p]), a relação com os antepassados é fundamental nas tradições ancestrais, pois eles são os responsáveis por transmitir os valores e conhecimentos de geração em geração, esse movimento de transmissão carrega em si filosofia, concebe modos de pensar e viver.

É importante destacar que as tradições tratadas aqui não são isoladas e se influenciam mutuamente, criando um mosaico multicultural rico em filosofia e ancestralidade. Como salienta Souza (2014), as tradições ancestrais brasileiras são um exemplo de como a diversidade cultural pode ser fonte de riqueza e inspiração, e como a filosofia pode ser vista como um instrumento de diálogo e entendimento entre diferentes culturas e tradições.

Essas tradições possuem profundas raízes filosóficas que valorizam a relação harmoniosa entre os seres humanos e a natureza, dentre elas, a cosmovisão, a criação do mundo, os mitos brasileiros etc., que evidenciam que não existem diferenças entre os povos, pois todos são produtores de filosofia e possuem sua ancestralidade.

Eduardo Viveiros de Castro, antropólogo e filósofo brasileiro, emerge como um pensador que desafia as noções ocidentais convencionais de natureza, cultura e subjetividade. Com uma perspectiva centrada no pensamento ameríndio e na relação entre os indígenas e a sociedade brasileira, ele busca descolonizar a filosofia e promover uma visão de mundo mais inclusiva e interconectada.

Segundo Viveiros de Castro, a visão de mundo indígena se difere radicalmente da ocidental (Viveiros de Castro, 2004). Ele destaca que os indígenas não veem a natureza como algo a ser explorado ou dominado, mas sim como uma rede complexa de seres vivos e entidades sobrenaturais. Ao ler suas pesquisas<sup>7</sup>, entendemos que os povos indígenas veem a natureza como uma coletividade de sujeitos, não como uma coleção de objetos (Viveiros de Castro, 2004, p. 226).

Essa visão contrasta com a dicotomia entre natureza e cultura tão presente no pensamento ocidental. O autor desafia essa dualidade, afirmando que para os povos indígenas, não há uma separação entre o que chamamos de natureza e cultura (Viveiros de Castro, 1996, p.115). Ele propõe uma compreensão mais integrada, em que os seres humanos são vistos como parte de uma teia de relações que abrange não apenas outros seres humanos, mas também animais, plantas e elementos naturais.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Um exemplo de como a ancestralidade é central nas tradições brasileiras pode ser observado na filosofia do "Ubuntu", uma ideia que tem raízes em tradições africanas e que destaca a interconexão fundamental entre todos os seres humanos. Embora o Ubuntu tenha origens em culturas africanas, sua aplicação e relevância transcendem fronteiras continentais e podem ser relacionadas à experiência brasileira. O Ubuntu é expresso na famosa frase: "Eu sou porque nós somos". Essa filosofia enfatiza a importância da comunidade, das relações interpessoais e do reconhecimento do papel fundamental dos antepassados na construção da identidade individual e coletiva.

<sup>7</sup> A grande divisão mítica mostra menos a cultura se distinguindo da natureza que a natureza se afastando da cultura: os mitos contam como os animais perderam os atributos herdados ou mantidos pelos humanos. Os humanos são aqueles que continuaram iguais a si mesmos: os animais são ex-humanos, e não os humanos ex-animais (Viveiros de Castro, 2004, p. 230).

<sup>8</sup> "A Queda do Céu: Palavras de um xamã Yanomami" é um livro escrito por Davi Kopenawa, líder e xamã Yanomami, em colaboração com o antropólogo Bruce Albert. O livro foi publicado pela Companhia das Letras

Além disso, enfatiza a necessidade de repensar a subjetividade. Argumentando que os indígenas possuem uma compreensão mais relacional e coletiva da subjetividade, em que os indivíduos são concebidos como parte de um coletivo maior. Como ele destaca, o indivíduo é uma função da relação com o coletivo, não uma entidade autônoma (Viveiros de Castro, 2004).

A abordagem de Viveiros de Castro visa descolonizar a filosofia, valorizando e reconhecendo as cosmovisões indígenas. Assim, nos encoraja a repensar nossas bases epistemológicas e ontológicas, promovendo um diálogo intercultural e uma apreciação mais profunda da diversidade de conhecimentos existentes. A partir de suas contribuições, entendemos que devemos aprender com esses povos, com a riqueza e complexidade de suas visões de mundo.

A contribuição do autor supramencionado é fundamental para um repensar profundo da nossa relação com a natureza, com a cultura e com a nossa própria subjetividade. Seu trabalho nos desafia a considerar outras formas de conhecer e viver, abrindo caminho para uma cosmovisão mais integrada, plural e respeitosa.

Oswaldo Porchat, também nos convida a repensar nossas formas de olhar para nossa cultura e filosofia. Filósofo brasileiro conhecido por sua dedicação ao estudo da filosofia da cultura, é uma figura preponderante quando se trata de refletir sobre a identidade e o pensamento brasileiros. Sua obra abrange questões fundamentais relacionadas à formação da identidade nacional e à intrincada relação entre cultura e filosofia.

Porchat ressalta a importância de compreender a cultura como elemento central na constituição da identidade brasileira. Ele afirma que a cultura é o grande pano de fundo da nossa identidade, o fator que nos torna distintos enquanto nação (Porchat, 1998, [s.p]). Por meio dessa perspectiva, ele busca desvendar os elementos culturais que moldam o pensamento brasileiro e influenciam nossa maneira de ser e ver o mundo.

Além disso, destaca a relevância de refletir sobre a relação entre cultura e filosofia. Segundo ele, a filosofia não pode ser desvinculada da cultura em que emerge, ela é fruto de uma realidade histórica e social específica (Porchat, 2004, [s.p]). Nesse sentido, ele enfatiza a importância de compreender a filosofia brasileira como uma expressão única e autêntica, ancorada em nossa cultura e experiências particulares.

Porchat também busca analisar a construção da identidade nacional, considerando que a identidade brasileira é complexa e multifacetada, resultado da miscigenação de diferentes culturas e tradições (Porchat, 2002, [s.p]). Ele ressalta que a compreensão dessa identidade requer um olhar atento para as diversas influências que contribuíram para a formação do povo brasileiro, desde as raízes indígenas e africanas até as influências europeias.

A abordagem de Oswaldo Porchat oferece uma reflexão profunda sobre a cultura, a identidade e o pensamento brasileiros. Suas obras nos convidam a examinar a relação intrínseca entre cultura e filosofia, destacando a importância de valorizar as singularidades culturais e reconhecer sua influência na forma como pensamos e nos relacionamos com o mundo.

Ao observarmos tais abordagens, podemos ser levados a alguns questionamentos, sobre como fugir dos elementos que silenciam as tradições ancestrais brasileiras, e nesse sentido, podemos enxergar e defender uma abordagem filosófica "a contrapelo" implicando em valorizar uma perspectiva que se interessa pelos elementos negligenciados e fragmentados da experiência humana, buscando compreender a essência por trás da superfície aparente. Essa

---

em 2015. Na obra, Davi Kopenawa compartilha suas visões sobre a cultura Yanomami, a relação com a natureza, as práticas xamânicas e, principalmente, as ameaças enfrentadas por seu povo, como a invasão de garimpeiros em suas terras. O título "A Queda do Céu" refere-se à visão Yanomami de como a destruição ambiental e cultural está relacionada à queda do equilíbrio cósmico. A obra é uma importante contribuição para o entendimento da cosmovisão Yanomami e também uma denúncia das ameaças que essa comunidade indígena enfrenta, incluindo questões ambientais e violações de direitos territoriais.

abordagem filosófica se concentra nos resíduos, nas lacunas e nos fragmentos que foram excluídos da narrativa oficial. Acreditando que as experiências individuais possuem um significado intrínseco, essa filosofia conecta essas vivências aparentemente desconexas para revelar uma outra história sobre determinada época, sobre nosso povo e nossos ancestrais.

Nessa concepção, a filosofia a contrapelo assume que as perspectivas e vivências individuais são peças importantes do quebra-cabeça da existência humana, e ao conectá-las, é possível construir uma narrativa mais profunda e verdadeira sobre a realidade. Ela desafia a visão tradicional e unificadora da história, que muitas vezes se concentra em eventos e figuras proeminentes, ignorando a riqueza das experiências cotidianas das pessoas comuns.

Dessa forma, essa filosofia nos convida a questionar as estruturas dominantes de interpretação histórica e a explorar os elementos que foram silenciados ou apagados. Ao dar voz aos resquícios, ela busca resgatar a diversidade de perspectivas e vivências humanas, permitindo-nos apreciar a complexidade e a multiplicidade de significados que moldam nossa compreensão do passado e do presente. Em última análise, essa abordagem filosófica partindo metodologicamente entrando na análise de epistemologias passadas e apresentando epistemologias silenciadas pode revelar novas verdades sobre a condição humana e a sociedade brasileira, ampliando nossa percepção da história de forma enriquecedora e reflexiva sobre nossa epistemologia, ancestralidade e filosofia.

#### 4 DECOLONIALIDADE E NOVOS CAMINHOS

*Ao reivindicar a diversidade cultural, a pluralidade epistêmica e a igualdade ontológica, o pensamento decolonial busca romper com a lógica hierárquica e homogeneizante do colonialismo. - Catherine Walsh.*

O pensamento decolonial tem suas raízes na América Latina, especialmente na teoria da dependência e na teologia da libertação, que emergiram nas décadas de 1960 e 1970. Essa abordagem crítica visa desconstruir as narrativas hegemônicas do conhecimento e da história, que tendem a marginalizar e subalternizar os saberes e as experiências das culturas e povos colonizados. Entendendo a partir de Mignolo (2011), o pensamento decolonial se caracteriza por ser transdisciplinar, plural, crítico e situado, e busca construir uma epistemologia do Sul que rompa com a centralidade do pensamento ocidental eurocêntrico.

A decolonialidade, por sua vez, é uma ferramenta teórica que ajuda a entender e a transformar as relações coloniais de poder que ainda persistem na contemporaneidade. Quijano (2000) define o colonialidade<sup>9</sup> como um sistema mundial de poder que se estabeleceu a partir da conquista e da colonização da América pelos europeus e que se manteve através de uma série de mecanismos de dominação, exploração e violência. Dentro do debate sobre decolonialidade, é necessário evidenciar o que é colonialidade,

[...] pode ser entendida como a continuação das relações coloniais após o fim do colonialismo através das relações de poder e econômicas que mantém a subjugação dos povos colonizados, pois o subdesenvolvido e subalterno continua coincidindo com o “outro lado da linha”: o lado do colonizado. A colonialidade de poder se manifesta especialmente através na classificação e divisão da população mundial

<sup>9</sup> Definindo colonialidade como uma matriz mundial de dominação (*patrón mundial de dominación*) dentro do modelo capitalista, fundada pela classificação racial e étnica da humanidade, Aníbal Quijano diz que a matriz de poder colonial é um princípio organizador e afeta as múltiplas dimensões da vida social, desde a sexualidade, a autoridade, as relações de gênero, instituições, o trabalho, as organizações políticas, estendendo-se à subjetividade e às estruturas de conhecimento (Aníbal Quijano, 1992 *apud* CARDOSO, 2014, p.968).

através da ideia de raça e do controle da produção de conhecimento e do trabalho (GARCIA, 2017, p.183).

Em outros termos, o subdesenvolvimento e a subalternidade continuam a ser associados aos povos colonizados, enquanto o colonizador ocupa uma posição privilegiada. Essa dinâmica é perpetuada por meio das relações de poder e econômicas, que reforçam a dominação do colonizador sobre o colonizado. O controle da produção de conhecimento e do trabalho é uma manifestação importante da colonialidade de poder. A imposição de paradigmas eurocêntricos e a marginalização dos conhecimentos e perspectivas das culturas colonizadas servem para perpetuar a dominação, reforçando a visão de mundo do colonizador como dominante e superior.

A colonização é uma das principais responsáveis por direcionar sempre o pensamento europeu como o central e afunilar as perspectivas filosóficas brasileiras, as deixando de lado. No processo de colonização não só nosso corpo é colonizado, mas nossa mente, cultura, forma de pensar e existir, foi uma colonização do poder, do ser e do saber.

Como consequência dessa colonização, ainda na contemporaneidade estudamos, inferimos e construímos narrativas filosóficas eurocêntricas. O conceito que nos ajudará a pensar teoricamente esse processo de desconstrução a respeito da hegemonia eurocêntrica, é o conceito de decolonialidade, compreendendo que

A colonização no âmbito do saber é produto de um longo processo de colonialidade que continuou reproduzindo as lógicas econômicas, políticas, cognitivas, da existência, da relação com a natureza, etc. que foram forjadas no período colonial (WYNTER, 2003 *apud* COSTA *et al.* 2020, p.9).

Nesse contexto, a colonização do saber implica na imposição de epistemologias eurocêntricas e na marginalização de saberes e perspectivas de povos colonizados. A colonialidade do saber perpetua uma hierarquia epistêmica, que valoriza o conhecimento produzido pelas culturas colonizadoras e desvaloriza ou nega os saberes das culturas colonizadas.

Carneiro (2005) nos alerta para um epistemicídio ainda mais centralizado:

[...] o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. (CARNEIRO, 2005, p. 96).

Carneiro (2005) aponta que o epistemicídio vai além de apenas anular ou negar o conhecimento desses povos, indicando que há uma dimensão mais profunda e significativa envolvida. Demonstrando que o epistemicídio é um problema, por excelência, filosófico.

Assim, o colonialismo não implica em apenas dominação territorial, mas inclui também uma dominação epistemológica: uma “colonização das mentes” (Dascal, 2010). Costa *et al.*, (2020, p. 12) afirma que a longa tradição do cientificismo<sup>10</sup> e do eurocentrismo deu origem a uma ideia de universalismo abstrato<sup>11</sup>, que atinge não apenas o campo acadêmico e do

<sup>10</sup> O cientificismo é uma corrente de pensamento que enfatiza a primazia da ciência como a única forma válida de conhecimento e como a principal fonte de autoridade para compreender o mundo.

<sup>11</sup> Universalismo abstrato é um conceito que se refere à aplicação de princípios universais abstratos e generalizados a todas as situações, sem levar em consideração o contexto específico ou as diferenças individuais. É uma

conhecimento, mas também outros âmbitos da vida, a saber: economia, política, estética, subjetividade, e conseqüentemente, a nossa produção e forma de adquirir conhecimentos.

Na tentativa de aprofundar nossa discussão sobre o decolonizar da identidade hegemônica eurocêntrica dentro da Filosofia brasileira, trabalhamos exponencialmente com o conceito de Decolonialidade, entendendo que

O pensamento decolonial reflete sobre a colonização como um grande evento prolongado e de muitas rupturas e não como uma etapa histórica já superada. [...] Deste modo quer salientar que a intenção não é desfazer o colonial ou revertê-lo, ou seja, superar o momento colonial pelo momento pós-colonial. A intenção é provocar um posicionamento contínuo de transgredir e insurgir. O decolonial implica, portanto, uma luta contínua (COLAÇO, 2012, p.8 *apud* REIS E ANDRADE, 2018).

É necessário que fique evidente que não é possível se desprender das raízes da nossa colonização por completo, por isso “o projeto decolonial refere-se primordialmente à condição de libertação dos povos subalternos, reconhecendo sua autenticidade cultural, política, econômica e ideológica. Afinal, liberdade não tem preço, tem valor” (Reis e Andrade, 2018, p3), mas, sem a intenção de reverter ou desfazer o que já foi posto.

Desse modo, sugerimos a compreensão de que o processo de decolonização não implica necessariamente em tentar retroceder completamente as transformações e influências que a colonização teve sobre as sociedades. Em vez disso, ele destaca a necessidade de reconhecer a complexidade da história e entender que algumas mudanças são irreversíveis. A abordagem proposta compreende que o projeto decolonial busca, em vez de reverter o curso da história, promover uma transformação consciente que permita aos povos subalternos reafirmar suas identidades culturais, políticas, econômicas e ideológicas de maneira autêntica e libertadora. Isso implica reconhecer as raízes históricas, mas também buscar construir um futuro que respeite e valorize as diversas expressões de autonomia e liberdade dos povos subalternos, reconhecendo que a verdadeira liberdade não é algo que pode ser comprado ou vendido, mas é intrinsecamente valiosa.

As contribuições do pensamento decolonial para a filosofia são várias. Em primeiro lugar, esse pensamento questiona a universalidade do conhecimento produzido pelo modelo hegemônico eurocêntrico. Para Grosfoguel (2008)<sup>12</sup>, a filosofia ocidental, em suas pretensões de universalidade, ocultou outras filosofias e pensamentos. Isso significa que a filosofia ocidental não é a única forma de produzir conhecimento e que outras perspectivas filosóficas, muitas vezes subalternizadas, devem ser consideradas.

Além disso, o pensamento decolonial enfatiza a importância da interculturalidade na produção de conhecimento. Compreendendo e corroborando com Walsh (2012), a interculturalidade é a interação entre diferentes culturas, que se reconhecem e se respeitam mutuamente, com o objetivo de produzir novos conhecimentos, práticas e valores. Portanto, conclui-se que, o diálogo entre culturas diferentes é fundamental para a produção de conhecimento mais diversos e inclusivo.

## 5 PROBLEMÁTICA

A hegemonia da filosofia eurocêntrica pode ser vista como uma problemática filosófica, uma vez que ela tende a silenciar e marginalizar outras tradições filosóficas, incluindo o pensamento ancestral brasileiro. Isso ocorre porque a filosofia eurocêntrica muitas vezes é vista

---

abordagem que busca estabelecer regras, valores ou ideias que se aplicam de maneira igualitária a todas as pessoas, independentemente de suas circunstâncias particulares.

<sup>12</sup> Ler mais em: <https://journals.openedition.org/rccs/697>.

como a única forma válida de fazer filosofia, enquanto outras tradições filosóficas são desconsideradas ou desvalorizadas. Haja vista que

[...] não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender. (CARNEIRO, 2005, p.97).

Um dos fatores preponderantes é que a filosofia eurocêntrica é o não reconhecimento da existência de outras tradições filosóficas, ou as considera inferiores ou primitivas. Isso pode levar a uma subestimação e até mesmo uma supressão do pensamento ancestral brasileiro e de outras culturas que têm suas próprias tradições filosóficas. “A crítica ao eurocentrismo é uma crítica à sua *episteme* e à sua lógica que opera por separações sucessivas e reducionismos vários” (Porto-Gonçalves, 2005, p.3).

Outro fator é que a filosofia eurocêntrica muitas vezes é considerada como uma disciplina neutra e objetiva, mas na realidade ela é influenciada pelas relações de poder, históricas e culturais, que moldaram sua evolução e desenvolvimento. Isso pode levar a uma perspectiva limitada da filosofia e à exclusão de outras tradições filosóficas que não se encaixam nas molduras estabelecidas.

Além disso, a filosofia eurocêntrica muitas vezes se baseia em pressupostos que não são universais e que podem não se aplicar a outras culturas. Por exemplo, a filosofia grega clássica valoriza a razão e a lógica, mas outras culturas podem ter uma visão diferente da realidade e uma abordagem diferente para suas filosofias.

O silenciamento do pensamento ancestral brasileiro é uma consequência dessas problemáticas, uma vez que a filosofia eurocêntrica muitas vezes não considera outras tradições filosóficas que não se encaixam em suas molduras. Isso pode levar a uma marginalização e a uma falta de reconhecimento das contribuições filosóficas de outras culturas.

Assim, uma das problemáticas filosóficas é a necessidade de ampliar a perspectiva da filosofia para incluir outras tradições filosóficas e reconhecer a diversidade cultural. Isso pode ser feito por meio de uma abordagem crítica e reflexiva da filosofia, que reconhece suas limitações e busca integrar outras perspectivas e tradições filosóficas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o panorama filosófico atual, percebemos que o eurocentrismo influenciou não apenas os campos da filosofia, mas também a história, a cultura, as artes e diversas outras esferas do conhecimento. Esse domínio exacerbado da perspectiva eurocêntrica resultou na subvalorização e na exclusão dos saberes ancestrais brasileiros<sup>13</sup>, que possuem uma riqueza cultural e uma profundidade filosófica própria.

Foi possível constatar que essa hegemonia da filosofia eurocêntrica acarreta consequências negativas, como a perpetuação de estereótipos, a desvalorização das culturas não europeias e a negação de vozes e perspectivas alternativas. Essas consequências têm impacto direto na construção da identidade e na autoestima dos povos que têm seus saberes ancestralmente silenciados, e consequentemente, na produção do nosso conhecimento filosófico.

---

<sup>13</sup> Esses saberes podem ser identificados a partir de: Diálogo Intergeracional; Literatura Indígena; Arte e Expressões Culturais; Saberes Afro-Brasileiros; Educação Intercultural; Respeito às Terras Indígenas; Eventos e Encontros Culturais, dentre outros.

No decorrer do trabalho, também abordamos a importância de resgatar, valorizar e legitimar o pensamento ancestral brasileiro como uma forma de pluralizar e enriquecer o campo filosófico. A diversidade de perspectivas filosóficas enriquece o conhecimento humano, permitindo um diálogo intercultural mais profundo e uma compreensão mais abrangente da realidade.

Nesse sentido, é necessário promover uma transformação no ensino e na pesquisa filosófica, incorporando de maneira mais significativa os saberes e as visões de mundo ancestrais brasileiros. Isso envolve a inclusão de autores e conceitos não eurocêntricos nos currículos acadêmicos, bem como a criação de espaços de diálogo e valorização dessas perspectivas.

Além disso, é fundamental reconhecer e valorizar a contribuição dos povos ancestrais para a formação da identidade brasileira e para a construção de um pensamento filosófico próprio. É necessário superar os estereótipos e preconceitos arraigados, dando voz e espaço aos conhecimentos tradicionais e ancestrais que são parte integrante da nossa história.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para a conscientização sobre a hegemonia da filosofia eurocêntrica e seus efeitos no silenciamento do pensamento ancestral brasileiro. Acredita-se que a superação desse silenciamento é um caminho para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e plural, onde os diferentes saberes e perspectivas sejam respeitados e valorizados.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Cláudia Pons. **Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez**. Estudos Feministas, Florianópolis, 2014.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. Feusp, 2005. (Tese de doutorado)

COLAÇO, Thais Luzia. **Novas perspectivas para a antropologia jurídica na América Latina: o direito e o pensamento decolonial**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2012.

COSTA, Joaze Bernardino-. Et al. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

DASCAL, M. **A autonomia é uma ilusão**. São Leopoldo (RS). IHU on-line/Revista do Instituto Humanitas Unisinos (274, Ano VIII), 22 set. 2008. Entrevista a Márcia Junges. Disponível em: <[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2164&secao=274](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2164&secao=274)>. Acesso em: 18 jun. 2023.

GARCIA, Amanda Veloso. **A colonialidade na filosofia do brasil e o problema da identidade psicossocial**. P E R I. v. 09, n. 01, p. 177 – 200, 2017.

GRILLO, Maria Paula. **A ancestralidade e o respeito às tradições nas religiões afro-brasileiras**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 129-141, 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142016000200129&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000200129&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 23 mar. 2023.

GROSGOUEL, Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI**. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril, 2016.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xpNFtGdzw4F3dpF6yZVVGgt/?format=pdf>. Acesso em: 18 jun. 2023.

GROSGOUEL, Ramón. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais**: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 80, p. 115-147, 2008.

KOPENAWA, Albert, BRUCE, Davi. **A queda do céu**: Palavras de um xamã yanomami / Davi Kopenawa e Bruce Albert ; tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Concejos y topologías decoloniales**. Revista Colombiana de Antropología, v. 53, n. 2, p. 39-62, 2017.

MIGNOLO, Walter D. **La idea de América Latina**. La herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa, 2011.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org.). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2007.

REIS, Maurício de Novais. ANDRADE, Marcileia Freitas Ferraz de. **O pensamento decolonial**: análise, desafios e perspectivas. Revista Espaço Acadêmico, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/41070/21945>.

RIBEIRO, Luis Eduardo. **A filosofia da ancestralidade na cultura afro-brasileira**. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, v. 14, n. 2, p. 67-79, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cpich/article/view/6221>. Acesso em: 23 mar. 2023.

SILVEIRA, Ronie Alexsandro Teles. **A brasileiríssima Filosofia Brasileira**. Síntese Revista de Filosofia, v. 43, p. 261-278, 2016.

SOUZA, Felipe Augusto de. **Tradições ancestrais e diálogo intercultural na filosofia brasileira**. Revista Brasileira de Filosofia, São Paulo, v. 64, n. 255, p. 221-233, 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X2014000100022&lng=en&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2014000100022&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 23 mar. 2023.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio**. Mana, 2(2), 115-144. 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Perspectivismo e multinaturalismo na América Indígena**. In A inconstância da alma selvagem (pp. 31-42). Cosac & Naify. 2004.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Exchanging perspectives**: The transformation of objects into subjects in Amerindian ontologies. Common Knowledge, 10(3), 463-484. 2004.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Perspectival anthropology and the method of controlled equivocation**. Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America, 13(1), 3-22. 2015.

PORCHAT, O. **Cultura e identidade nacional:** a construção de um conceito. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 13(36), 59-72. 1998.

PORCHAT, O. **Identidade e alteridade:** rumo a uma etnografia filosófica. Revista de Antropologia, 45(2), 299-315. 2002.

PORCHAT, O. **Filosofia, cultura e identidade.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, 19(54), 97-109. 2004.

WALSH, Catarina. **Interculturalidad crítica y (de)colonialidad:** apuestas y desafíos desde Abya Yala. Tabula Rasa, n. 9, p. 131-152, 2008.

## AGRADECIMENTOS

Em meio à cerimônia de Colação de Grau em História, no dia 20 de dezembro de 2019, o inesperado desvelou-se diante de nós. João e eu, em um olhar compartilhado, compreendemos que um capítulo havia chegado ao seu epílogo. Em janeiro, à beira do oceano, decidimos ousadamente: mergulharíamos no vasto mar da Filosofia. A melodia de meu cantor favorito ecoava em meus pensamentos, "Você não sente nem vê... Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo... Que uma nova mudança em breve vai acontecer" (Belchior). A Filosofia é, de fato, essa metamorfose, um movimento constante de deslocamento e autodescoberta, tanto do eu como do outro. E assim, *João Neto* embarcou nesta jornada ao meu lado. Aqui, manifesto minha gratidão a esse querido amigo e primo, cuja presença é essencial em meu caminho.

No horizonte da Filosofia, deparei-me com ilustres mestres, como o sereno orientador *Valmir Pereira*, cuja voz calma e conselhos suaves me convidaram à serenidade. Agradeço profundamente por sua paciência em guiar uma alma inquieta como a minha. Valmir, o senhor tem um lugar especial em minha trajetória.

Dentre esses notáveis mestres, destaco o professor *Arlindo*, que me acolheu em seu "Olimpo". Tornei-me sua aprendiz na monitoria, absorvendo com avidez tudo o que ele tinha a ensinar sobre Filosofia e sobre a vida. No processo, nossa ligação se transformou em amizade sólida.

Aos demais professores, expresso minha gratidão por seus ensinamentos e respeito: Professor *Otacílio*, Professor *Thalles Azevedo*, Professor *Ramon Bolivar*, Professor *Janduí Evangelista*, Professor *Rafael Ramos*, Professor *Tarciano Batista*, Professor *Írio*, Professora *Eugênia Ribeiro* e Professora *Maria Simone*. Cada um de vocês gravou em minha memória lições que jamais esquecerei.

Minha jornada não teria sido completa sem meus caros amigos. *Fábio Alexandrino* personifica a verdadeira amizade, marcando os melhores e os piores momentos com a frase "*ninguém solta a mão de ninguém.*" Em diversas ocasiões, sua presença foi meu ponto de segurança e risadas, e levo a honra de sua amizade para toda a vida. Obrigada por sua companhia leal. Respeito sua trajetória e as promessas que a Filosofia reserva para você.

Com Fábio, encontrei risadas abundantes, embaladas por violão e copos de plástico cheios de vinho tinto, ao lado de *Manu*, *Marizio* e *Lyu*. A Filosofia trouxe à minha vida pessoas que conferiram um significado mais profundo ao curso. A vocês, meu sincero agradecimento.

Às minhas queridas fontes de apoio, *Maria Helena* e *José Rivel*, meus pais, expresso minha eterna gratidão por estarem ao meu lado em todas as decisões. Tenho um orgulho imensurável de ser filha de vocês e os amo infinitamente. Aos meus irmãos, *Leonardo* e *Laerte*, meus exemplos de dedicação e empenho, vocês são meus eternos irmãos e amigos.

Agradeço ainda, a alguém que se fixou na minha vida faz pouco, mas me ajuda a acreditar em meu potencial, me encoraja como ninguém, e me mostra que a vida pode ser ainda mais feliz quando compartilhada. Obrigada, *Renan (Bene)*.

Em resumo, esta segunda graduação foi uma jornada inesperada que me trouxe mudanças significativas. Fico feliz em ter abraçado esse caminho e vivido plenamente tudo que a Filosofia me apresentou. Despeço-me com *gratidão*.